

ENXERGANDO ALÉM DAS BARREIRAS: ESTRATÉGIAS INOVADORAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA A ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

SEEING BEYOND BARRIERS: INNOVATIVE STRATEGIES FOR TEACHING ENGLISH LANGUAGE TO STUDENTS WITH VISUAL IMPAIRMENT

Barbara Alves da Rocha FRANCO
barbara.franco5@etec.sp.gov.br
ETEC Ângelo Cavalheiro, Serrana, Brasil

Marcela RICARDO
marcela.ricardo01@etec.sp.gov.br
ETEC Ângelo Cavalheiro, Serrana, Brasil

Sara Cristina Marques AMÂNCIO
sara.amancio3@etec.sp.gov.br
ETEC Ângelo Cavalheiro, Serrana, Brasil

Willian de Souza PEREIRA
willian.pereira17@etec.sp.gov.br
ETEC Ângelo Cavalheiro, Serrana, Brasil

Resumo: A deficiência visual foi, por muitos anos, motivo de segregação, inclusive no contexto educacional, sendo que mudanças significativas foram observadas apenas no final do século XVII. Assim, o presente artigo aborda os desafios e estratégias para o ensino inclusivo de inglês para alunos com deficiência visual na educação básica, destacando as barreiras específicas enfrentadas por este grupo, a importância de reconhecer suas necessidades únicas e de fornecer recursos acessíveis, como materiais em *braille* e tecnologias assistivas, bem como adaptações curriculares e estratégias pedagógicas. A formação docente é sinalizada brevemente, quando se traz à tona a necessidade de se formar um docente reflexivo, capaz de reconhecer e atuar a partir das particularidades discentes. A conclusão reforça a necessidade de uma abordagem inclusiva no ensino de LI, que valorize a diversidade e promova um ambiente de aprendizado acessível e capacitador, garantindo o acesso equitativo à educação de qualidade para todos os alunos.

Palavras-chave: Alunos cegos e com baixa visão; Deficiência visual; Ensino de língua inglesa; Educação especial.

Abstract: *Visual impairment was, for many years, a reason for segregation, including in the educational context, with significant changes only being observed at the end of the 17th century. Therefore, this article addresses the challenges and strategies for inclusive teaching of English to students with visual impairments in basic education, highlighting the specific barriers faced by this group, the importance of recognizing their unique needs and providing accessible resources, such as materials in braille and assistive technologies, as well as curricular adaptations and pedagogical strategies. Teacher training is briefly highlighted, when the need to train reflective teachers, capable of recognizing and acting based on student particularities, is brought to light. The conclusion reinforces the need for an inclusive approach to LI teaching, which values diversity and promotes an accessible and empowering learning environment, ensuring equitable access to quality education for all students.*

Keywords: *Blind and low vision students; Visual impairment; Teaching English language; Special education.*

INTRODUÇÃO

No panorama global atual, o domínio da Língua Inglesa (LI) é amplamente reconhecido como uma competência fundamental para o sucesso acadêmico, profissional e pessoal. No entanto, para alunos com deficiência visual, o acesso a uma educação linguística de qualidade pode ser significativamente dificultado devido a uma série de barreiras específicas. A falta de recursos adequados, a escassez de estratégias pedagógicas inclusivas e a limitada conscientização sobre as necessidades desses alunos são algumas das questões que desafiam sua plena participação no aprendizado de inglês.

Ao abordar esses desafios, é fundamental reconhecer a importância de desenvolver estratégias específicas que levem em consideração as necessidades únicas dos alunos com deficiência visual. Tais estratégias não apenas facilitam o acesso ao conteúdo linguístico, mas também possibilitam um ambiente educacional inclusivo e capacitador.

Destaca-se aqui a necessidade imediata de superar as barreiras que limitam o acesso dos alunos com deficiência visual a uma educação linguística de qualidade. Além disso, importante enfatizar a relevância de adotar uma abordagem holística e centrada no aluno, que reconheça e valorize a diversidade de capacidades e experiências presentes nesse grupo específico de aprendizes.

Ao enxergar além das limitações físicas, é fundamental criar um ambiente de aprendizado que capacite esses alunos a desenvolver suas habilidades linguísticas e a expandir suas perspectivas culturais, sociais e profissionais. Por meio do desenvolvimento de práticas inclusivas e da implementação de estratégias pedagógicas eficazes, é possível garantir que estes alunos se tornem cidadãos atuantes em uma sociedade cada vez mais globalizada.

A escolha deste tema se justifica pela importância de garantir que todos os alunos, independentemente de suas capacidades visuais, tenham acesso equitativo a uma educação de qualidade e possam desenvolver suas habilidades linguísticas de forma plena e significativa. Ao direcionar o foco para o ensino da LI a alunos com deficiência visual, este trabalho busca não apenas destacar os desafios e obstáculos enfrentados por esse grupo específico de aprendizes, mas também propor soluções e estratégias concretas que possam contribuir para a promoção de um ambiente educacional inclusivo e acessível.

Para condução deste estudo, realizou-se revisão bibliográfica da literatura, abrangendo livros e artigos científicos ligados ao tema em questão. A busca foi realizada em bases de dados, tais como Scientific Electronic Library Online (SciELO), e outras voltadas para a área da educação.

Ao longo do artigo, serão abordadas diversas questões relacionadas ao ensino de inglês para alunos com deficiência visual, incluindo uma análise das necessidades específicas desse público, adaptações curriculares e tecnológicas, estratégias pedagógicas eficazes e práticas inclusivas. Por

meio dessa abordagem abrangente e detalhada, busca-se contribuir para o desenvolvimento de um ensino de inglês mais inclusivo e acessível.

BREVE ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

Muito se tem falado, na atualidade, sobre a inclusão escolar de alunos com necessidades especiais. As discussões com foco em políticas inclusivas no Brasil buscam suporte nas organizações sociopolíticas de direitos individuais. Entre os assuntos que permeiam tais debates, um dos mais abordados é a de construção de espaços sociais não excludentes e de caminhos possíveis para o convívio de grupos heterogêneos. Analisando o passado das civilizações, constata-se que os obstáculos envolvidos no tema inclusão atravessaram diversas fases, nas mais diferentes épocas e culturas. Assim, a sociedade atravessou longos caminhos para que chegássemos ao que hoje conhecemos como educação inclusiva (Silva; Silva, 2015).

Para Mazzota (2005), a educação especial no Brasil surgiu a partir de ações isoladas, por parte de indivíduos que estavam envolvidos de maneira direta com a questão da deficiência. As ações iniciais com foco no atendimento educacional e/ou assistencial para a pessoa com necessidades especiais foram baseadas na criação de campanhas voltadas para grupos específicos de deficiências que, frequentemente, eram comandadas por associações privadas, tais como a Sociedade Pestalozzi e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), com apoio do Governo Federal.

As primeiras ações sistematizadas remontam, entretanto, do século XIX, com a fundação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos e Imperial Instituto de Surdos Mudos, ambos localizados no Rio de Janeiro, no período imperial.

As instituições especializadas, como as mencionadas assim, tinham, historicamente, o desafio de implementar métodos e recursos voltados para as deficiências auditiva e visual. Entretanto, as falhas eram evidentes no que diz respeito ao trabalho com aluno surdos e cegos, com deficiências múltiplas ou que apresentassem qualquer outro tipo de deficiência. Com frequência, estes alunos eram encaminhados para as instituições sem que fossem consideradas as particularidades, por exemplo, da condição de baixa visão vinculada ao autismo em alguns adolescentes (Costa Filho; Berezovsky, 2005). Mudanças mais significativas passaram a ocorrer a partir do século XX, um período:

[...] repleto de transformações no campo educacional brasileiro, aliadas aos anseios políticos e sociais do período republicano, bem como às mudanças econômicas com a expansão da industrialização e a urbanização das cidades. As primeiras décadas são marcadas pela ausência de políticas públicas voltadas para as pessoas com deficiência. As ações ficam a cargo de iniciativas privadas, com ênfase no assistencialismo e filantropia (Fonseca, 2022).

A real expansão da Educação Especial ocorreu nos anos 1960, entretanto, não foi suficiente para suprir de forma satisfatória a demanda das pessoas com deficiência (PcD), excluindo-as do sistema de ensino. Isto porque, na época, havia um quantitativo reduzido de escolas públicas com foco na Educação Especial que concorriam com a rede privada. Os direcionamentos de atendimentos

oferecidos para este grupo específico de pessoas eram dois: a rede privada, que possibilitava serviços de educação e saúde adequados; e as instituições filantrópicas que ofertavam tal atendimento, em caráter assistencialista, para as camadas mais baixas da população (Bueno, 2004).

Sá, Campos e Silva (2007) afirmam que entre 1950 e 1980, teve início o movimento contra a política segregadora, com a defesa da ideia de integração das PcD, cabendo a estas o esforço para reverter o quadro de deficiência e a atingir sua adaptação ao meio social. Essa é a ideia da integração, que posteriormente irá confrontar a concepção de inclusão. No conceito de integração, o indivíduo deve estar adaptado às instituições sociais, procurando se igualar aos considerados “normais”. Por sua vez, dentro da proposta da inclusão, as instituições e demais espaços é que devem estar adaptados e procurar atender as demandas das PcD.

Ainda segundo as autoras, para que isso seja possível, é necessário que estejamos atentos quanto aos conceitos, preconceitos, posturas e atitudes, com disposição para rever as práticas tradicionais e estar familiarizados com a diversidade como desafios positivos e manifestação natural das potencialidades humanas.

COMPREENDENDO AS NECESSIDADES DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

A deficiência visual abrange uma variedade de condições que afetam a capacidade de uma pessoa de perceber o mundo visualmente. Essas condições podem variar desde a cegueira total até diferentes graus de visão residual. Ao compreender as necessidades dos alunos com deficiência visual, é essencial considerar não apenas o aspecto físico da deficiência, mas também suas implicações no processo de aprendizagem, especialmente no contexto do ensino de LE como o inglês.

Uma das principais necessidades dos alunos com deficiência visual está relacionada ao acesso à informação. Devido à sua limitada ou nula capacidade de enxergar, esses alunos dependem fortemente de outros sentidos, como audição e tato, para compreender o mundo ao seu redor. Assim, é essencial que sejam oferecidos materiais e recursos educacionais acessíveis, como versões em *braille*, áudio descrições, materiais táteis e tecnologias assistivas, que permitam a esses alunos acessar o conteúdo linguístico de maneira eficaz e independente.

Além disso, é importante reconhecer que cada aluno com deficiência visual é único, com suas próprias habilidades, interesses e preferências de aprendizagem. Portanto, as estratégias de ensino devem ser adaptadas de acordo com as necessidades individuais de cada aluno, levando em consideração fatores como o tipo e o grau de deficiência visual, experiências prévias de aprendizagem e preferências pessoais.

A este respeito, é possível dizer que

Os obstáculos e as barreiras de acessibilidade física ou de comunicação e as limitações na experiência de vida das pessoas cegas são muito mais comprometedoras do processo de

desenvolvimento e de aprendizagem do que a falta da visão. Em outras palavras, a cegueira por si só não gera dificuldades cognitivas ou de formação de conceitos, sendo necessário considerar a história de vida, o contexto sociocultural e as relações do indivíduo com o meio. As dificuldades de elaboração e de desenvolvimento de conceitos decorrem da falta de experiências enriquecedoras que possibilitem a construção e o acesso ao significado dos conceitos (Domingues, 2010, p. 3).

Outro aspecto fundamental a ser considerado é a promoção da autonomia e da autoconfiança dos alunos com deficiência visual. Frequentemente, esses alunos enfrentam estereótipos e preconceitos que podem afetar sua autoestima e autoeficácia. Portanto, é importante criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor, onde esses alunos se sintam valorizados, respeitados e capacitados a desenvolver todo o seu potencial linguístico.

Ao compreender e atender às necessidades específicas dos alunos com deficiência visual, podemos criar um ambiente educacional mais inclusivo e acessível, que permita a todos os alunos, independentemente de suas habilidades visuais, alcançar o sucesso no aprendizado da LI.

Adaptações Curriculares e Tecnológicas

O ensino da LI para alunos com deficiência visual requer uma abordagem cuidadosamente planejada e adaptada às suas necessidades específicas. Isso envolve a implementação de adaptações curriculares significativas, bem como o uso eficaz de tecnologias assistivas e recursos educacionais acessíveis.

Conforme apontado por Marchesi (2004 apud Silva; Silva, 2015), os alunos são diferentes quando se trata do ritmo de aprendizagem, havendo particularidades na maneira e cadência de aprendizado, assim como também diferem as maneiras como cada um enfrenta o processo educacional. Neste contexto, é necessária expandir, equilibrar e variar, desde a formação das turmas até a escolha do perfil docente para cada grupo discente específico. Entretanto, é importante destacar que estas adaptações não buscam a deturpação ou criação de um novo currículo, mas sim sua transformação em um currículo funcional, que englobe todos os alunos e estabeleça uma boa relação entre suas necessidades e a programação curricular.

Abaixo, serão apresentadas algumas das principais adaptações curriculares, bem como algumas das tecnologias e recursos que podem apoiar o processo de aprendizagem discente:

Adaptações curriculares:

1. **Material Didático Acessível:** Uma das primeiras considerações ao adaptar o currículo para alunos com deficiência visual é garantir que o material didático seja acessível. Isso pode incluir a disponibilização de versões em *braille* de livros, textos e materiais de estudo, bem como o uso de áudio descrições para conteúdo visual, como vídeos e imagens.
2. **Desenvolvimento de Habilidades Auditivas e Táteis:** Devido à sua limitada ou nula capacidade visual, alunos com deficiência visual muitas vezes dependem fortemente

de habilidades auditivas e táteis para aprender. Portanto, é importante incluir atividades que desenvolvam essas habilidades, como exercícios de escuta, jogos táteis e práticas de leitura em *braille*.

3. Adaptação de Avaliações: As avaliações devem ser adaptadas para garantir que os alunos com deficiência visual possam demonstrar seu conhecimento de forma eficaz. Isso pode envolver o uso de formatos alternativos de avaliação, como testes orais, projetos práticos e portfólios de trabalho.

Tecnologias Assistivas e Recursos Educacionais:

1. Leitores de Tela: Os leitores de tela são programas de software que convertem texto em fala ou *braille*, permitindo que os alunos com deficiência visual acessem e interajam com conteúdo digital de forma independente. Essas ferramentas são essenciais para o acesso a materiais online, como sites, documentos eletrônicos e aplicativos educacionais.
2. Softwares de Ampliação e Contraste: Softwares de ampliação e contraste permitem que os alunos com baixa visão ajustem o tamanho do texto e a cor de fundo para facilitar a leitura em dispositivos eletrônicos. Essas ferramentas são úteis para tornar o conteúdo digital mais legível e acessível para alunos com visão residual.
3. Dispositivos Táteis e Tecnologias Hápticas: Dispositivos táteis, como impressoras *braille* e displays táteis, oferecem aos alunos com deficiência visual a oportunidade de explorar e interagir com informações de forma tátil. Além disso, tecnologias hápticas, como simuladores de feedback tátil, podem proporcionar experiências sensoriais imersivas durante o aprendizado de inglês.
4. Recursos de Realidade Virtual e Aumentada: Recursos de realidade virtual e aumentada podem oferecer experiências de aprendizagem imersivas e interativas para alunos com deficiência visual. Por exemplo, aplicativos de realidade virtual podem simular ambientes linguísticos autênticos, enquanto aplicativos de realidade aumentada podem fornecer informações adicionais sobre objetos e imagens do mundo real.

Ao integrar adaptações curriculares eficazes e tecnologias assistivas inovadoras, é possível implementar um ambiente de aprendizagem mais acessível para alunos com deficiência visual. Essas abordagens não apenas permitem que esses alunos participem de forma ativa do processo de aprendizagem de inglês, mas possibilitam também o desenvolvimento suas habilidades linguísticas.

Estratégias Pedagógicas Eficazes

Mantoan (1997) aponta que, provavelmente, em nenhuma outra modalidade de educação os recursos didáticos possuam tanta relevância como na educação de indivíduos deficientes visuais, levando-se em consideração diversos aspectos, tais como o fato de que a falta de material apropriado pode levar o aluno deficiente visual a um reles verbalismo, desconectado da realidade; e que a formação de conceitos está ligada ao estreito contato da criança com as coisas do mundo.

Assim, o ensino de LI a alunos com deficiência visual demanda a adoção de estratégias pedagógicas que sejam voltadas para a comunicação oral e auditiva, além de explorar métodos de ensino tátil e sensorial. Uma abordagem eficaz é a utilização de recursos de áudio, como gravações de textos e diálogos, para desenvolvimento das habilidades auditivas e de compreensão oral.

Atividades participativas e interativas, como discussões em grupo e jogos de simulação, promovem a prática da comunicação oral em inglês de forma envolvente.

No contexto do ensino de segunda língua aos alunos com deficiência visual, infere-se que suas capacidades de aprendizado são equivalentes às de aluno videntes. Motta (2004), ao abordar suas experiências como docente em uma sala formada apenas por alunos cegos e com baixa visão, relata que os preconceitos que possuía em relação ao ensino e aprendizagem do grupo mencionado deram lugar à certeza de que todos são capazes de aprender, a despeito de qualquer dificuldade que apresentem. A falta de visão não representa impedimento a seu aprendizado e desenvolvimento, e sim, produz uma reorganização das funções mentais e dos sentidos, assim como a audição, o tato, a memória, o raciocínio e a capacidade verbal representam outro referencial perceptivo que não a visão.

Ainda sobre a deficiência, afirma-se que a mesma

pode ser causada por enfermidades, traumatismos ou disfunções do sistema visual que acarretam diminuição da acuidade visual, dificuldade para enxergar de perto e/ou de longe, campo visual reduzido, alterações na identificação de contraste, na percepção de cores, entre outras alterações visuais. Trata-se de um comprometimento do funcionamento visual, em ambos os olhos, que não pode ser sanado, por exemplo, com o uso de óculos convencionais, lentes de contato ou cirurgias oftalmológicas (Domingues, 2010, p.6).

A linguagem, comunicação e diversas formas de expressão artístico-cultural são formadas por imagens e acenos visuais cada vez mais complexos. Os conteúdos pedagógicos priorizam a visualização em todas as áreas do conhecimento, de um universo repleto de símbolos gráficos, letras, números e imagens. Dessa forma, demandas oriundas de limitações visuais não devem ser deixadas de lado ou confundidas com concessões e necessidades fictícias (Sá; Campos; Silva, 2007).

Ademais, o uso de tecnologia assistiva, como *softwares* de reconhecimento de voz, pode facilitar a comunicação oral e auditiva para alunos com deficiência visual. Essas ferramentas permitem que os alunos expressem suas ideias e se comuniquem de maneira eficaz.

No que tange aos métodos de ensino tátil e sensorial, a utilização de materiais táteis, como letras em relevo e mapas táteis, é fundamental para facilitar a compreensão e a expressão em inglês. Esses materiais permitem que os alunos explorem conceitos linguísticos de forma tátil e sensorial.

Além disso, a incorporação de experiências sensoriais, como o uso de aromas e texturas associadas a conceitos linguísticos, pode enriquecer o processo de aprendizagem de inglês para os alunos com deficiência visual, tornando o aprendizado mais memorável e significativo.

Não é possível falar de estratégias pedagógicas sem trazer à tona a questão da formação docente, elemento fundamental quando se trata da compreensão e atendimento das necessidades dos alunos. No caso do professor de LE, Magalhães (2002) evidencia a necessidade da formação de um profissional reflexivo, que seja capaz de estabelecer uma ponte entre teoria e prática, pesquisa e ensino, tornando-se, ele próprio, um pesquisador da sala de aula e um profissional conhecedor das

teorias de aprendizagem. Para isto, é preciso que o docente compreenda sua prática como prática política, estreitamente vinculada à princípios sociais e culturais, capazes de contribuir para a transformação social.

Tal pensamento converge com o de Celani (2001), para quem a profissão de ensinar línguas tem sido “invadida”, ao ser exercida por qualquer indivíduo que tenha conhecimento da língua, sem nenhuma formação. A autora reforça a necessidade de que o profissional seja formado como um educador, que possui um compromisso com o aluno e com a sociedade, estando informado sobre a cultura da língua a qual leciona, sobre o mundo e sobre a cultura de seus alunos, sendo também capaz de trazer para a sala de aula a cultura da tecnologia e da mídia. Este profissional deve ainda ser capaz de relacionar a LE a outras disciplinas e com o universo no qual o aluno está inserido e para isso é fundamental que a formação e o desenvolvimento sejam constantes.

Inclusão e Colaboração

A inclusão efetiva de alunos com deficiência visual no ensino de inglês requer estreita colaboração entre educadores especializados em deficiência visual e professores de inglês. Essa colaboração é fundamental para garantir que as necessidades específicas dos alunos sejam atendidas de forma abrangente e eficaz.

A importância da colaboração entre educadores especializados em deficiência visual e professores de inglês reside no reconhecimento das perspectivas trazidas por cada um para o processo educacional. Enquanto os educadores especializados possuem conhecimentos sobre as necessidades específicas dos alunos com deficiência visual e estratégias pedagógicas adaptadas, os professores de inglês trazem consigo conhecimentos linguísticos e experiência na condução de aulas de inglês.

Essa colaboração pode se manifestar de diversas formas, incluindo o planejamento conjunto de atividades e recursos, a troca de experiências e estratégias de ensino, e a coleta de feedback e avaliação do progresso dos alunos. Ao trabalharem em conjunto, educadores especializados e professores de inglês podem desenvolver abordagens pedagógicas mais inclusivas e personalizadas, que atendam às necessidades individuais de cada aluno com deficiência visual.

Através da colaboração entre educadores e da implementação de práticas inclusivas, podemos criar um ambiente de aprendizado que reconheça e valorize as habilidades e potencialidades de todos os alunos, promovendo assim uma educação de qualidade e equitativa para alunos com deficiência visual no ensino de inglês.

O ENSINO DA LI PARA DEFICIENTES VISUAIS

Apesar de toda evolução observada, aspectos que fazem diferença no processo de ensino e aprendizagem dos discentes com deficiência visual demandam revisão, não apenas no sentido de

simplificar a transmissão de regras gramaticais, mas, sobretudo, para dar foco ao que é considerado o papel educativo da língua. Para Jorge (2009), a natureza educativa do ensino de uma LE reside nas possibilidades que o aluno passa a alcançar acerca da diversidade no mundo. As oportunidades de ser diferente pode trazer consciência de si próprio ao indivíduo, tanto no que diz respeito ao seu contexto local quanto ao global.

Figura 1: Ensino para aluno com deficiência visual



Fonte: Blog Ensino Digital (2020)

Campos, Sá e Silva (2007), defendem ser essencial que, quanto aos alunos com deficiência visual, considerando o prejuízo na visão, os outros sentidos sejam devidamente explorados, de forma que haja contextualização daquilo que se pretende ensinar. A audição desempenha papel fundamental para assimilação dos sentidos, considerando que a linguagem expande o desenvolvimento cognitivo ao beneficiar o relacionamento e propicia meios de controle daquilo que está fora de alcance devido à ausência de visão.

Dessa forma, nota-se que a compreensão oral, que deve ser o foco para alunos cegos e com baixa visão, não é a habilidade central a ser desenvolvida em sala de aula, o que demanda atenção por parte do professor, visto que a prática de leitura em um segundo idioma, com alunos que apresentem deficiência visual, depende quase que exclusivamente da comunicação oral e que tais alunos devem ter domínio da compreensão oral.

Sobre essa questão, Domingues (2010) destaca que as barreiras de acessibilidade física ou de comunicação, bem como as limitações nas vivências de deficientes visuais são muito mais comprometedoras do que a falta de visão. Isto é, a deficiência visual propriamente dita não ocasiona

problemas cognitivos ou de formação de conceitos, sendo importante levar em consideração o contexto sociocultural, a trajetória de vida e as relações do indivíduo com o meio. Os desafios de formação e desenvolvimento de conceitos são oriundos da ausência de experiências enriquecedoras, que permitem construir e acessar o significado dos conceitos.

Em pesquisa realizada por Motta (2004), junto a alunos do ensino médio que apresentam deficiência visual, verificou-se que estes alunos se posicionam de maneira crítica quanto à realidade educacional na qual estão inseridos, pontuando a necessidade de mudança na formação docente e enfatizando as dificuldades observadas no aprendizado da LI. O uso de abordagens diferenciadas é uma necessidade, especialmente quando se trata de soletração e do foco na comunicação oral. A partir do mesmo estudo, foram identificados diversos desafios enfrentados pelos docentes de LI, que precisam se adequar a diferentes níveis de aprendizado em salas inclusivas, reforçando a necessidade de investimento na formação docente, tanto inicial quanto continuada.

Ainda segundo Motta (2004), professores costumam acompanhar tendências e, uma vez em sala de aula, teorias e métodos pedagógicos transformam-se em procedimentos, somados às práticas e experiências de cada um. Assim, a sala de inglês tem sido cenário de diversas teorias e tendências de aprendizagem, que influenciam a prática docente e misturam-se com os sentidos construídos sobre o que significa ensinar e aprender.

Magalhães (2002) sinaliza a necessidade de formação do professor de LI como um profissional reflexivo, capaz de estabelecer relação entre teoria e prática, pesquisa e ensino e sendo conhecedor das teorias de aprendizagem, do contexto onde atua e das demandas discentes. Para este fim, é fundamental que o professor de inglês enxergue os valores sociais e culturais e que possa fomentar, de fato, uma mudança na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Martins (2005) pontua que a trajetória das pessoas com deficiência visual foi caracterizada por silenciamentos e exclusões. A emergência histórica do conceito de deficiência os tratava como inferiores e inaptos e, comumente, a eles era negado o direito à vida.

Apenas com os avanços sociais, passou-se a observar o progresso das pessoas cegas e com baixa visão. O surgimento das primeiras escolas europeias para cegos que, posteriormente, foram criadas no Brasil, permitiu que muitos atingissem um nível de pertencimento, bem como a oportunidade de educação e de usufruir uma vida de inclusão e autonomia.

Ao longo deste artigo, foram exploradas diversas estratégias e considerações fundamentais para o ensino eficaz da LI a alunos com deficiência visual. Desde a compreensão das necessidades específicas desses alunos até a implementação de adaptações curriculares, tecnologias assistivas e

práticas inclusivas, destacou-se a importância de uma abordagem holística e colaborativa para promover um ambiente de aprendizado acessível e capacitador.

Enfatizou-se a importância de práticas inclusivas e de um ambiente de aprendizado acessível para todos os alunos. Ao adotar uma abordagem que valorize a diversidade e promova a inclusão, é possível garantir que cada aluno, independentemente de suas habilidades visuais, tenha a oportunidade de alcançar seu pleno potencial na aprendizagem da LI.

Diante do exposto, fica evidente a necessidade de uma abordagem mais inclusiva no ensino de LI a alunos com deficiência visual. É fundamental que educadores, gestores escolares, famílias e a sociedade em geral trabalhem juntos para garantir que esses alunos tenham acesso equitativo a uma educação de qualidade, capacitando-os a participar plenamente do mundo globalizado em que vivemos.

Embora tenha sido tema de diversos estudos nos últimos anos e recebido significativa contribuição no processo de ensino e aprendizagem, ainda se verifica escassez de pesquisas sobre a educação inclusiva, principalmente quando se trata do ensino de LE, o que pode estar relacionado à recente aceitação de alunos com necessidades especiais em salas do ensino regular e que evidencia alguns dos obstáculos de adaptação das atividades pedagógicas para alunos com deficiência visual.

Ao reconhecer e valorizar as habilidades e potencialidades de todos os alunos, podemos criar um ambiente educacional mais inclusivo, diversificado e enriquecedor para todos. Que este artigo sirva como um ponto de partida para reflexões e ações concretas em direção a uma educação verdadeiramente inclusiva e acessível para alunos com deficiência visual no ensino da LI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, J. G. S. **Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente**, 2. Ed, 2004.

CELANI, M. A. A. Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão. In: LEFFA, V. J. **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. Pelotas: Educat, 2001.

COSTA FILHO, H.A; BEREZOVSKY, A. Análise crítica do desempenho evolutivo da visão subnormal no Instituto Benjamin Constant. **Arquivos Brasileiros de Oftalmologia**, São Paulo, v. 68, n.6, p. 815-820, 2005.

DOMINGUES, C.A; **Os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira**. Brasília, DF: MEC, Secretaria de Educação Especial, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

JORGE, M. L. S. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, D. C. de. (org.) **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

MAGALHÃES, M.C.C. **O professor de línguas como pesquisador de sua ação: a pesquisa colaborativa**. In GIMENEZ, T. (org) **Trajetórias na formação de professores de línguas**. Londrina: Ed. UEL, 2002.

MANTOAN, M.T.E. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997.

MARTINS, B.F.G.S. **A angústia da transgressão corporal: a deficiência assim pensada**. Centro de Estudos Sociais. Coimbra, 2005.

MAZZOTTA, M.J.S; **Educação especial no Brasil: História e políticas públicas.** São Paulo: Cortez, 2005.

SÁ, E.D; CAMPOS, I.M.; SILVA, M.B.C. **Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Visual.** Gráfica e Editora Cromos: Brasília, 2007.

SILVA, A.P.R; SILVA, G.K. **A inclusão da pessoa com deficiência visual nas séries iniciais da rede regular de ensino.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2015.